
Homoafetividades femininas em Blumenau: cartografias possíveis

Female homosexuality in Blumenau: possible mappings

*Celso Kraemer**

*Carla Fernanda da Silva***

*Fabiele Lessa****

Resumo: Este artigo é resultado da primeira fase do projeto de pesquisa “Outras vozes: análise de narrativas homoafetivas femininas em Blumenau”, Santa Catarina. Pela apropriação de vozes de um passado, fazendo uso da história oral, pretendeu-se problematizar os modos de produção de subjetividades. A partir da perspectiva dos estudos de Gênero (interdisciplinar), pretendeu-se construir condições de possibilidade de narrativas de vida deslocadas não seria deslocadas? da normatividade que constitui a história centrada na heterossexualidade; problematizar o preconceito, a fim de obter um olhar múltiplo e questionador sobre o engendramento que prolifera ódio, insultos e injúrias pela constituição da homofobia; enfim, produzir conhecimento e discutir a questão das homoafetividades femininas, ao deslocar *verdades* estabelecidas tanto em nível local (Blumenau), quanto em outros espaços mais abrangentes.

Abstract: This article is the result of the first phase of the research project “Other Voices: Narrative Analysis Female Homosexual in Blumenau” – Santa Catarina. By the appropriation of voices from the past, and making use of oral history, the intention here is to discuss the modes of production of subjectivities. From the perspective of gender studies (interdisciplinary), we sought to create conditions of possibility of life narratives displaced of normativity that is centered on heterosexuality; confront the prejudice in order to get a multiple and inquiring observation of the engendering that proliferates hatred, insults and abuse through the constitution of homophobia, in other words, produce knowledge and discuss the issue of female homosexuality, by shifting “truths” established at both the local (Blumenau), and other more comprehensive spaces.

* Doutor em filosofia pela USP. *E-mail:* celsok@furb.br

** Doutoranda em História pela UFPR. *E-mail:* escritadesi@gmail.com

*** Acadêmica do curso de História e bolsista Pibic/Furb. *E-mail:* fabiele.beli@gmail.com

Palavras-chave: Homoafetividade
feminina; gênero; memória.

Keywords: Female homosexuality; gender;
memory.

As vidas humanas são marcadas por intermitências, fascínios, sentimentos, pulsões, desejos. Mas há *os ditos* e *os não ditos*, escolhas sobre o que dissertar, histórias que se fazem esquecer ou lembrar: as homoafetividades femininas, além de negadas, foram, ao longo do tempo, silenciadas. No arcabouço teórico sobre as mulheres, é preciso questionar tanto o silêncio historiográfico, quanto suas escritas históricas. Por muito tempo, a história das mulheres se configurou a partir da *matriz heterossexual* (BUTLER, 2003), como dado de verdade, a mulher foi descrita como relação antagonica ao homem e se fundou na dicotomia homem/mulher.

Escrever e refletir sobre as homossexualidades é também visualizar imagens plurais, mesmo na forte caricaturização de *estratégias de mentiras coerentes* (ARENDRT, 1973), fornecidas com afinco pelos suportes midiáticos atuais. O emprego da fala de Arendt vem exprimir a herança dos totalitarismos e fascismos nas concepções dos binarismos de gêneros e sexualidades, tidos como *verdadeiros* na contemporaneidade: mulher/homem e feminino/masculino (NAVARRO-SWAIN, 2004b), delineados por projeções de identidades padronizadas. Pode-se pensar que as heranças são advindas de múltiplos locais e tempos históricos, como a Igreja na Idade Média, ao definir o ideal de humanos e cravar as dicotomias: certo e errado, bem e mal. (NIETZSCHE, 1992). Apesar dessas divisões estarem presentes em outros tempos históricos por imposição, vale indagar se tal raciocínio dicotômico não seria consequência da própria historiografia no campo das relações humanas, dado o caráter com que a história foi escrita nos diferentes períodos, privilegiando a tradição e a lógica patriarcais (NAVARRO-SWAIN, 2004b).

No fim do século XIX e no início do XX, intensifica-se, de modo especial, a dicotomia de conceitos e valores, os totalitarismos. Nos jogos totalitários, emerge a construção representativa de *coletivo*, reforçada pelos estudos científicos sobre o *indivíduo*, com o intuito de interpelar por vias estatais e científicas a estruturação de seres humanos ideais. A confissão cristã se alocou no divã; a *culpa* do indivíduo migrou para a condição de patologia social, na fissura da descoberta das intimidades e no *fazer falar* do sexo. (FOUCAULT, 1994). A psicanálise designou a heterossexualidade como norma (KATZ, 1996) e às práticas sexuais e afetivas foram cunhados nomes,

dadas classificações. Nesse processo, muitos ficaram à margem da normatização, entre esses, os homossexuais que ameaçavam a “coerência heterossexual”. (BUTLER, 2003). Portanto, os que ousassem assim viver seriam pela ciência perseguidos e medicalizados. A emergência das ciências sobre o homem estreitou a relação *ciência e estado*, convencendo direitos, crimes, proibições e punições por meio da racionalização da vida. A Igreja não cessou de desaprovar as homossexualidades, logo, entre Igreja, ciência e Estado, ao seu modo – moral, patologia, propriedade – exprimiam o ideal de homem e mulher heterossexuais.

Nesse viés, se desenvolveu o conceito de *heterossexualidade compulsória* (BUTLER, 2003), desenvolvido por Adrienne Rich, expõe o discurso que efetiva uma norma reguladora e *verdadeira* que se denota nos campos do saber-poder e seus dispositivos médico-jurídicos. (FOUCAULT, 1994). Assim sendo, os que *transgridem* tais normas “[...] tornaram, então, os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição. Para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões”. (LOURO, 2004, p. 16).

Nessa época, o que se definia como movimento feminista, lidando com a positivação das mulheres, proporcionou formas diferenciadas de compreender a *mulher*. Segundo Zirbel (2007), os movimentos se encontravam em várias esferas, acadêmicas, urbanas, rurais, etc. No Brasil, as primeiras manifestações nos anos 60 (séc. XX), consistiam em necessidades básicas, como: água, esgoto, moradia, mais tarde as creches. Interessante é apontar como as Igrejas cristãs estiveram envolvidas nessas discussões, em frentes como: pastorais, CEBs, irmandades, entre outros grupos, que ajudaram na afirmação e reivindicação dos direitos das mulheres. Os movimentos políticos, situados em coletivos sindicais e partidários, buscavam condições de direitos iguais, em grupos distintos, pensados a partir das diferenças que as uniam em singularidades: negras, operárias, mães, etc. Nesses movimentos as mulheres consolidaram uma articulação combativa às diversas formas de *repressão*. Pode-se citar a pílula anticoncepcional e o movimento *hippie* como linhas de condução para uma possível liberação sexual feminina como um todo. Mas foi somente nos anos 80 do mesmo século, que o movimento de mulheres homossexuais tomou forma e constituiu seus espaços de atuação, suas redes de comunicação e organização.

Na atualidade, os movimentos homossexuais de afirmação e a mídia de massa tendem a enrijecer as representações das subjetividades, como:

homossexual, heterossexual, bissexual, transexual, dentre outros termos, o que colabora na produção da *homofobia*, por lidarem mais com generalidades do que com singularidades. Muitas vezes, tais classificações tornam-se “identidades fixas e imutáveis”, sem discutir criticamente, em suas diferenças, o que essas “categorias significam e como elas operam”. (SCOTT, 1999, p. 26-27). Nota-se, então, a necessidade de se produzir conhecimento que contribua com as discussões e expressões da sexualidade em suas multiplicidades. Portanto, positivar os modos de vida de mulheres homossexuais se torna indispensável, pois, ao perceber que historicamente é por meio das representações que se constroem discursos de inferiorização e caricaturização, torna-se necessário ressignificar os discursos de forma a possibilitar novas subjetivações para além da normatividade.

Este artigo é o resultado da primeira fração de um projeto que pretende delinear uma cartografia de vivências a partir de relatos de vida de mulheres homossexuais, por meio do uso da *História Oral*, na cidade de Blumenau. Através da análise das entrevistas, sob a perspectiva dos estudos de gênero (interdisciplinar), pretende-se construir condições e possibilidades de narrativas de vida, deslocadas da normatividade da história centrada na heterossexualidade; discutir as categorias públicas *mulher, homossexual e feminino*; problematizar o preconceito, a fim de obter um olhar múltiplo e questionador do engendramento que prolifera o ódio, insultos e injúrias pela constituição da homofobia; enfim, produzir conhecimento e proporcionar discussão sobre as homoafetividades femininas, ao deslocar *verdades* estabelecidas tanto em termos locais, quanto corroborar com aspectos espaciais mais abrangentes, através de uma cartografia das memórias de mulheres homossexuais da cidade de Blumenau.

Optou-se por utilizar o termo *homoafetividade*, pois a pesquisa parte de um posicionamento político de ação afirmativa em relação às multiplicidades e singularidades dos gêneros.

A pesquisa dialoga com as experiências e as memórias, utilizando a *História Oral* como metodologia de pesquisa; ao mesmo tempo, opta-se pela perspectiva de gênero no referencial teórico, por notar que esses estudos vêm se efetivando na ótica da pluralidade. O fundamento teórico-metodológico parte das abordagens de “arqueologia dos saberes”, método no qual Michel Foucault desenvolveu suas primeiras pesquisas e que permite analisar a formação histórica dos discursos. A partir da arqueologia como método, é possível realizar a compreensão da formação dos enunciados, sendo essa uma “descrição dos acontecimentos discursivos”. (CASTRO, 2009).

Enquanto a arqueologia permite uma compreensão crítica dos discursos, a genealogia é útil como instrumento de análise, pois permite relacionar os enunciados discursivos às práticas históricas, compreendendo, assim, os domínios de poder atuantes nos enunciados. A genealogia permite perceber a “constituição dos sujeitos de conhecimento e as relações entre os sujeitos como um campo de poder” (REVEL, 2005, p. 53), assim como uma análise das relações de poder a partir da moral. Tais concepções são necessárias à análise, visto que a abordagem se constituirá no entrelaçamento da bibliografia com os relatos de vida.

Por meio das narrativas, foi possível fazer uma outra leitura da sociedade, pensá-la pela perspectiva da homossexualidade feminina. É por meio das narrativas que essas mulheres evidenciam as “rupturas de si”, nas experimentações de sua vida. Percebe-se como essas mulheres visualizam sócio-historicamente o *coletivo* homossexual, com os cuidados de atentar “para o movimento próprio à memória humana, ou seja, o *tempo-espaço* no qual ela se move e o decorrente caráter de *atualização* inscrito em todo percurso de memória”. (SEIXAS, 2001, p. 45). Assim, as narrativas apresentam-se como uma troca de experiências, visto que se pode compreender que narrar é a “faculdade de intercambiar experiências. A experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”. (GAGNEBIN, 1994, p. 66).

A partir de leituras acerca da história oral, memória e gênero, foi elaborado o roteiro para as entrevistas. Tal roteiro é um referencial, não dogmático, pois cada entrevista reserva sua individualidade peculiar; alguns temas podem ser mais aprofundados em um depoimento do que em outro.

Na coleta de dados, foram realizadas 12 entrevistas com mulheres, sendo 11 residentes em Blumenau, e uma tendo Pomerode/SC como cidade-dormitório, mas com sua vida social em Blumenau. Entre essas, seis casais e seis mulheres solteiras, na faixa etária entre 17 e 46 anos, ou seja, da década de 70 (séc. XX) aos nossos dias. Buscaram-se mulheres com profissões e escolarizações variadas para refletir, a partir das diferentes experiências, pontos de vista diferentes. Os relatos foram gravados e, posteriormente, transcritos. Os nomes foram preservados, adotando-se pseudônimos pelo fato de algumas mulheres terem pedido sigilo.

A análise desses relatos orais é aqui compreendida como composição cartográfica, pois “acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em

relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos”. (ROLNIK, 2006, p. 23). Para tanto, as leituras concernentes aos estudos de gênero aconteceram de modo constante, tanto para pensar o roteiro e efetuar as entrevistas, quanto para a análise. Do mesmo modo, teve-se para as mídias de massa e as reivindicações dos movimentos homossexuais decorridos neste último ano, e assim suas implicações nestas narrativas de memórias.

Homoafetividades múltiplas para concepções rígidas

No percurso da historiografia, há uma emergência em problematizar a memória e a história. Uma das principais características dessas reflexões condiz com a necessidade de se pensar nos vários aspectos em que se constitui a memória. Converte em historicizar as memórias, não obtê-las como fatos dados, reais, sabendo que as memórias comportam sentimentos, ressentimentos (ANSART, 2004), silêncios, espaços. Elas são descontínuas, mas podem marcar determinados acontecimentos. Além disso, elas se aplicam em “uma dinâmica atemporal que se inscreve no mundo, produzindo a sensação de tempo, mas sendo em si mesmo apenas duração, virtualidades incontroláveis e incontornáveis ao homem, cognoscíveis apenas na medida em que se inscrevem no presente”. (KRAEMER, 2009, p. 3-4).

Ao escrever sob a perspectiva de gênero na discussão da memória, as homossexualidades também são pensadas como um coletivo que, embora não seja unívoco, compartilha determinados acontecimentos:

O “sujeito” homossexual sempre tem uma história singular, mas essa própria história sempre tem relação com um “coletivo” que é constituído pelos outros “sujeitos” que são sujeitados pelo mesmo processo de “inferiorização”. [...] O “coletivo” existe independentemente da consciência que dele podem ter os indivíduos, e independentemente da vontade destes. É esse pertencimento aceito e assumido que permite ao indivíduo constituir-se como “sujeito” de sua própria história. (ERIBON, 2008, p. 78).

A inferiorização não é natural, mas o discurso que promove a inferiorização do homossexual foi naturalizado. Ele se relaciona com os modos como os discursos sobre os homossexuais foram produzidos em nossa sociedade, pelos dispositivos médicos, jurídicos, religiosos, etc. Nesse

sentido, “o passado é aquilo que dura, que permanece *real* também, mas não na forma do *atual*, mas do *virtual*. O passado é aquilo que dura ou permanece na matéria e que chamamos de memória”. (KRAEMER, 2009, p. 6, grifo do autor). Assim, o pertencimento ao grupo afirma as condições de tensão, negação ou positividade, militância; isto é, faz parte das construções das memórias individual e coletiva do tempo presente, ou seja, a constituição do movimento homossexual, das escritas de gênero, a análise e a produção da historicidade da memória podem se transformar em mudança, militância, positividade, mas nunca elimina as experiências de humilhação e preconceito que um dia foram vivenciadas.

Isto porque a memória, as reconstituições da narrativa de si e do coletivo operam na performatividade das mulheres homossexuais (BUTLER, 2003), junto com as representações, discursos de seu tempo sobre ser *mulher*, sobre ser *homossexual*: “Constroem-se corpos em sexo-mulher, sexo-feminino, segundo-sexo, *a mulher*, singular que apaga toda a multiplicidade de humano transformado em corpo unificado, em pura biologia funcional.” (NAVARRO-SWAIN, 2008, p. 397). Portanto, essas memórias – individuais e coletivas – não estão arroladas somente no coletivo homossexual, mas também no coletivo das mulheres, em suas *emancipações* em leis, espaços, relações com o corpo.

Acerca da homossexualidade, reproduzem-se conotações de *doença* e *promiscuidade*, discursos instituídos e disseminados fortemente até a década de 80 (séc. XX), no Brasil. A *doença*, afirmada pela ciência (MOTT, 2006) e a ideia de *promiscuidade* sob a moralidade cristã-ocidental, aparece no relato de Sarah, quando rememora sua vivência na adolescência:

Porque ninguém quer ficar ouvindo essa forma que eles nos colocavam: *O homossexualismo é doença! É sem-vergonhice...* porque era totalmente voltado pro sexo e, não por um sentimento. Então, tu és homossexual porque tu transas, e não porque tu tens um sentimento por outra pessoa do mesmo sexo. Então, isso me revoltava demais, demais mesmo, então eu tive uma grande fase que eu me achava transexual, que eu queria ser um homem ao lado de uma mulher, só pra não ouvir isso. (Sarah, professora aposentada, 46 anos)

Diante do aparato institucional e discursivo, sem possibilitar condições de positivar outra identidade, ela se construiu em uma lógica fixa e binária

entre um homem e uma mulher, pautada no sexo. Tal ideia de sexualidade está calcada no biológico, uma noção constante de identidade a partir do sexo, sempre organizada em perspectiva heterossexual: “Perguntam pra mim: *Quem é o homem e quem é a mulher?* Eu digo: *Só têm duas mulheres aqui.*” (Vanessa, empresária, 25 anos)

É importante frisar que “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados”. (BUTLER, 2003, p. 48). Performatividade que é expressa em atos, vestimentas, jogo de corpo, pois a representação corporal dos gêneros contém uma significação cultural, que, de fato, se relaciona aos conceitos pré-discursivos:

A identidade de gênero pode ser reconcebida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção. (BUTLER, 2003, p. 197).

Desse modo, a homossexualidade feminina não é considerada inferior simplesmente diante da heterossexualidade. Ela o é, principalmente, pelo *verdadeiro homem* e pela *verdadeira mulher*, numa uniformidade edificante de determinados atributos identitários.

Em nosso momento histórico, as idealizações de *mulher* e *feminino* já não são únicas. Perpassam vários meios e suportes de comunicação, produzindo efeitos de subjetividade. O poder é algo que se dá nas relações, nas multiplicidades, na mídia, na educação, na escolarização, nos discursos da psicologia, na religião, nas imagens, etc. A partir das narrativas, percebeu-se que as entrevistadas foram submetidas e tiveram acesso a diversos meios de proliferação dos discursos, desde os mais moralistas até os mais liberais, não todas com a mesma intensidade, porém acompanhando as inovações tecnológicas de seu tempo, como observa uma das entrevistadas:

Eu passei por umas barras bem grandes, que hoje em dia, com certeza, não se passa. Só se a pessoa não tem conhecimento, com tudo isso, com a mídia toda que tem. (Sarah, professora aposentada, 46 anos)

Ou seja, os discursos que se produzem acerca do *feminino*, *masculino*, *mulher*, *homem*, entre outros, têm efeito sobre a constituição de si.

Assim, antes mesmo de viverem a homossexualidade, por não se portarem dentro das categorias idealizadas de *feminino*, essas mulheres se lembram de situações de constrangimento e insulto em sua infância:

Eu desde criança, assim, sempre tive um comportamento que aos olhos dos outros era muito andrógino. O jeito que eu andava, o jeito que eu falava, aos olhos dos outros, assim, nem tudo indica isso, mas *ah!* Eu queria jogar futebol e não queria brincar de boneca, eu queria usar calça e não queria usar saia. Então, na escola o pessoal sempre tirava sarro de mim, eu me sentia excluída, sofri um monte com isso. E, também minha família, meu pai e minha mãe invocavam com isso, sabe... minha mãe ficava mandando eu andar com um livro na cabeça, porque ela ficava preocupada com o jeito que eu andava. Meu pai ficava brigando comigo: *Seja mais feminina!* Acho que, em função disso tudo, eu era muito carente. Também, eu queria ser aceita. Então eu não me dei a oportunidade de perguntar, assim, *mas será?* Enfim, já acho que quando criança ou quando adolescente eu acho que eu gostei de outras meninas, mas eu não admiti isso. Eu não ousava admitir isso pra mim mesma. (Cláudia, musicista/professora de música, 29 anos)

Pode-se perceber que os mecanismos que edificam o *verdadeiro sexo* tratam de moldar a coerência de uma normalidade, através de *fórmulas* de como as meninas/mulheres devem agir, como devem ser seus corpos. Em cada minúcia, um policiamento contínuo, de forma que o que escapa a essas condições consideradas *melhores e verdadeiras* é nomeado pejorativamente:

Eu lembro, eu muito pequena escutava xingamentos dos meninos da escola ou de outras crianças e, uma vez, acho que eu escutei: *ô sapatão...* não sei se foi esse o termo, não consigo te dizer, mas eu sei que o termo queria dizer, ao fato de eu ser, muito mais *confusenta* sempre. (Laura, pedagoga, 33 anos)

Assim, palavras e caricaturas são criadas com o intuito de ofender, de inferiorizar. Deve-se levar em conta que elas atingem seu objetivo, pois

ofendem e inferiorizam: “*Machorra*, como eu odeio essa palavra!”, disse Sarah (professora aposentada, 46 anos). A dificuldade na discussão sobre a sexualidade se elucida na determinação do *status* de inferioridade a algumas manifestações de gênero, visível nos insultos praticados, através de palavras e atitudes, como Patrícia relata em diferentes momentos da sua vivência escolar:

Já jogaram pedra em mim, bastante, só que como eu sempre fui uma pessoa bem forte, eu batia em todo mundo. Jogavam pedra, mas no dia seguinte eu pegava e estourava a cara da pessoa, sabe? Olhava bem, bem nos olhos e via quem era a pessoa, pegava um por um, porque quando eles estavam jogando pedra, eles estavam em vários, sabe? Mas, depois, conforme o tempo eu fui pegando um por um... Sei lá que, como é que foi parar no ouvido da Diretora, que viram eu beijando uma gurria no campo de futebol. A Diretora me chamou e a gurria, deu a maior confusão. Falou que não podia mais isso acontecer, e mesmo eu falando pra ela que não, que nunca tinha acontecido! Ainda mais a menina era super amiga minha, sabe... No colégio, eu não queria contar quem eu era. Na verdade, também, eu estava começando a me descobrir. Falou que isso não era coisa pra se acontecer no colégio dela, etc. Eu falava: *mas não aconteceu nada!* Ela não acreditava, sabe? E, disse com todas as palavras ainda, que eu estava beijando a gurria na boca, rolando na grama com ela.. *Olha só, eu vou me deitar na grama, me rolar com a gurria, ah, fala sério?!* Eu prefiro um banheiro, mais escondido, do que fazer isso em público, ainda mais que eu tinha vergonha naquela época... Nossa! Eu tinha bastante vergonha e muito medo. Tanto que eu parei de estudar por causa disso também. Que daí eu comecei a estudar à noite. Não sei quem é que passou pra de noite naquela época e contou pro pessoal. Aí o pessoal já saiu de perto de mim. Foi passando o tempo e... não tinha mais ânimo, sabe? (Patrícia, auxiliar de escritório, 26 anos)

Entre os insultos expostos em violência física e simbólica, que geram, consequentemente, violência e medo – possivelmente permanentes – o que ocorreu com Patrícia são efeitos de condutas fascistas cotidianas (FOUCAULT, 2010); assim, esses insultos por meio de atitudes, risos, palavras:

São agressões verbais que marcam a consciência. São traumatismos sentidos de modo mais ou menos violento no instante, mas que se

inscrevem na memória e no corpo (pois a timidez, o constrangimento, a vergonha são atitudes corporais produzidas pela hostilidade do mundo exterior). E uma das consequências da injúria é moldar a relação com os outros e com o mundo. E, por conseguinte, moldar a personalidade, a subjetividade, o próprio ser de um indivíduo. (ERIBON, 2008, p. 27).

A verdade é uma idealização do corpo e do sexo. A partir dela se produz o escárnio para a sexualidade e corpos não enquadrados nos modelos de perfeição. A vergonha, a culpa, o sentimento de inferioridade se mostram na medida em que as dicotomias de certo e errado, bem e mal, corpo e mente, público e privado, feminino e masculino, se solidificam entre as multiplicidades humanas:

Com dez, onze ou doze anos, eu já sabia. Eu já sentia que **tinha alguma coisa de errado comigo** [...]. Sempre gostei muito de futebol, jogava com a gurizada, com os meninos e com as meninas, também. Eu percebia que se tinha alguma conversinha no colégio, que falava de menino ou alguma coisa assim, eu evitava, achava aquilo sem graça, entendeu? Mas também não tinha pra quem falar nada, também. Eu tinha alguns pensamentos com relação a algumas pessoas, acho que naquela época eram *paixonites*, na verdade. E na adolescência eu comecei numa fase de punição. [...] *Caiu a minha ficha! Eu sei o que eu gosto, eu sei quem eu sou, mas não existe isso Aqui pra mim! E, ou seja, eu quero morrer.* [...] Eu tive essa fase de me punir, psicologicamente com relação a alguns pensamentos, a me depreciar mais do que eu já era, por que eu me sentia feia, eu usava óculos, eu era gordinha. Eu me achava horrível! Feia, feia, feia, eu era feia. Eu tinha muito esse pensamento: *Quando que uma mulher vai se interessar por mim?* (Virgínia, assistente social, 34 anos)

Ou seja, o fato de estar apaixonada por outras meninas forçou Virgínia a se perguntar sobre o que estava *errado* com ela, conduziu-a ao desejo de morte. A não similaridade com os modelos ideais de corpos femininos levou-a a uma condição depreciativa de si. Sua angústia se mantém no privado, pois ao público as identidades se compõem em *diferença política*, o que cria “a desigualdade quando se erigem hierarquias e valores sociais, instituindo referentes, desenhando corpos, perfis ideais, estabelecendo

exclusões, demarcando espaços, limites de ação e posição, mapeando e classificando o social”. (NAVARRO-SWAIN, 2004a, p. 1).

Nesse ínterim, a palavra *descoberta* da homossexualidade parece um dado um tanto confuso: pode pressupor que esse corpo nasceu homossexual e se *descobriu*, como algo natural. Pode ainda compreender que a sexualidade é um processo cultural, mas que uma vez *descoberta*, *descobriu-se*, então, o verdadeiro sexo: homo, hetero, bi, trans, categorias médico-jurídicas.

Levando em consideração as multiplicidades atreladas às memórias das mulheres entrevistadas, seus discursos interpelam a noção de *acontecimento*, enquanto irrupção de uma singularidade histórica (REVEL, 2005, p. 14), da qual se ergue “a possibilidade epistemológica e a necessidade ética de se pensar diferentemente” (VAZ, 1992, p. 105), que rompe o sujeito enquadrado, possibilitando algo novo, logo a “reinvenção de si”.

Assim, há três momentos em que a noção de *acontecimento* aparece nos relatos das mulheres homossexuais: ao compreender o desejo por outra mulher, a aceitação desse desejo para si, e a exposição desse desejo para as outras pessoas.

Esses acontecimentos romperam e criaram novos laços, perpassaram pela reflexão de suas condições humanas, suas crenças, costumes, seu estar na sociedade, suas profissões, nos âmbitos familiar, profissional, nas escolas e no trabalho. Mas de maneiras diferenciadas, porque são pessoas que vivenciaram tempos políticos, econômicos e tecnológicos diferentes, constituíram suas experiências homoafetivas a partir desses acontecimentos, e nem todas essas mulheres *assumiram* a homossexualidade diante da sociedade ou da família:

Os meus tios desconfiam, mas eu nunca falei pra eles. Então, nem vou falar, porque eles não aceitam muito bem. Eu falei pra minha mãe, só. Ela ficou brava, ela me ameaçou, falou que ela não me ensinou a ser assim, que ela ia me botar pra fora de casa se eu continuasse com isso. Daí eu não falo mais com ela sobre isso. (Caroline, auxiliar de produção, 20 anos)

Há a preocupação com as sanções que podem ocorrer sob as estruturas básicas de sobrevivência, afetos, rupturas, aspectos financeiros, carreira profissional, sendo também o ambiente de trabalho, um local de cuidado constante para falar da homossexualidade:

É a mesma coisa tu fazeres uma tatuagem e tens que esconder ela pra ir arrumar um emprego. Então é uma coisa que tu fazes porque tu queres, tu sabes que tens que esconder. (Rafaela, autônoma, 42 anos).

Do mesmo modo, relata Andressa:

Como eu trabalho numa área têxtil, numa indústria de família [tradicional], digamos assim... Tem que ficar se escondendo o tempo todo, é bem ruim. Quantos empregos eu perdi por causa disso? Dois ou três? Eu estava trabalhando numa empresa e quando deram os três meses pra ser efetivado, depois de elogios... Simplesmente disseram que eu não tinha adequação de valores morais para permanecer na empresa. Exatamente essas palavras: *falta de valores morais*... (Andressa, cronoanalista, 34 anos)

As situações relatadas evidenciam a dualidade das vivenciada por homossexuais. Por um lado, juridicamente falando, poderiam viver com tranquilidade os seus sentimentos, mas em função dos fascismos cotidianos presentes na sociedade, é necessário repensar seus atos e falas, como uma proteção:

Eu não tenho memória de ter tido uma rejeição em relação ao sentimento comigo, mas eu tive uma certa proteção, por um tempo. Que não foi muito longo, uns seis meses. Essa proteção foi de não externalizar, de não falar para as pessoas, de não contar, de ficar com o sentimento reservado pra mim. Primeiro por não saber o que era exatamente. Eu sabia que era uma atração física, mas não sabia o quê; além disso, poderia vir a ser. Chegou a passar pela minha cabeça que fosse só isso, que fosse só sexo. E, o outro motivo pelo qual me protegi, foi por razão social, que é a questão da rejeição das relações homossexuais. Mesmo que você não viva a relação, você sabe que a sociedade, de um modo geral, discrimina. Mas quando identifiquei que era uma paixão, e que era uma história que eu queria viver, aí eu comecei a contar para as pessoas mais próximas. (Luiza, pedagoga, 41 anos)

Esse invólucro como modo de preservar a si é bastante recorrente nas falas. Portanto, a subjetividade homossexual se constitui nas relações de poder que se interpelam na sociedade, mesmo nas pequenas proibições:

Tinha casal hetero que se agarrava no corredor, literalmente, só faltavam... E, uma vez a guardinha veio encher a gente, só porque nós estávamos abraçadas, e rolava uns beijinhos. E, ela disse: *Ah, o pessoal está se sentindo incomodado com vocês duas, separem, não pode isso na FURB.* (Aline, estudante/bolsista, 17 anos)

A repressão e a inferiorização podem ser consideradas reações diante da afirmação da homossexualidade do *outro*, “o heterossexual é obrigado a se pensar como heterossexual, embora até ali não tivesse que se fazer perguntas sobre a sua identidade e sobre a ordem social pela qual ela está instituída”. (ERIBON, 2008, p. 73). Assim, a reação negativa das pessoas é sentida pelo homossexual como injúria, ofensa, e atravessa sua subjetividade, levando-o a constituir tal lógica de proteção diante da proliferação de violências.

Mas, no decorrer de sua vida, entre marcas de inferiorização e ofensas, pulsam as experiências que constituíram essas mulheres no sentido de se reinventarem diante das adversidades: transformar, criar e ocupar espaços e lugares, vivenciar amizades sólidas, que, na atualidade, se fazem em torno de um pensamento em prol de direitos iguais, decorrentes da cidadania incompleta às quais estão submetidas, vontades perceptíveis em suas narrativas.

Espaços possíveis

Na cidade de Blumenau, como em muitos outros lugares, nota-se que os estudos das ciências humanas focalizaram, com maior interesse, o universo masculino, em especial a política e a guerra, ou seja, o público, ignorando aspectos da cultura feminina, em especial no que concerne à homossexualidade, que é compreendida muitas vezes como uma transgressão. As discussões acadêmicas,² peças de teatro, exposições,³ que trouxeram a homossexualidade em pauta, e o movimento homossexual,⁴ marcaram seu espaço somente na última década. O que vem a calhar com a ocupação de espaços e sociabilidade, quando se põe a questionar a família tradicional afirmada e propagada:

A gente não mudou os locais de frequência, de lazer com as crianças e coisa, entre nós também. Eu não vejo que a gente se adaptou a isso, e também não vejo que tenha espaço de acolhida em Blumenau, pra diversidade, de qualquer espécie, não vejo, não vejo mesmo. É um espaço, Blumenau é assim, porque tem as mensagens que são subliminares, por exemplo, eu trabalho com a Educação, e não se prega a diversidade na Educação. A agenda que a secretaria entrega pras crianças, pra trinta mil crianças e adolescentes em Blumenau, tem um bonequinho de homem, um bonequinho de mulher, uma menina no lado de cá e um menino no lado de lá. Então não prega a diversidade, não coloca pessoas, coloca par, e o par é menino, menina, filhinho, filhinha, isso chega na mão de trinta mil crianças todo ano, então assim, as mensagens que não são assumidas, aí você quer que o discurso do professor, por exemplo, tenha a diversidade pautada, mas a agenda que o guri olha todo dia... (Clara, diretora escolar, 40 anos)

Devido à industrialização e ao surgimento da Universidade (Furb) nos anos 60 do séc. passado, Blumenau tornou-se centro de recepção migratória de famílias oriundas do interior catarinense e de estados vizinhos. Em muitas entrevistas, percebeu-se que a possibilidade de estudo para os filhos e ascensão financeira foram citadas como motivos delas famílias, por terem optado por se estabelecerem em Blumenau. Como centro urbano, também se torna um espaço de vivências marginalizadas, discriminadas; local onde o *anonimato* permite o viver a diferença, portanto, a homossexualidade.

Didier Eribon escreve sobre a *cidade*, e é importante frisar que sua referência é Paris. Sobre seus arredores ele destaca que a cidade pequena “é o lugar onde é difícil escapar do único espelho disponível, aquele que é apresentado pela vida familiar – mas também pela escola – escapar das ‘interpelações’ a se conformar aos modelos afetivos, culturais, sociais da heterossexualidade”. (2008, p. 37). Blumenau pode ser uma cidade pequena para o modelo pensado por Eribon, mas também uma cidade grande, considerando os aspectos econômicos e culturais oferecidos, ou seja, “ao mesmo tempo que o lugar das solidariedades, o da abjeção”. (2008, p. 58). Nesse sentido, os espaços são apropriados e alteram seus significados conforme a possibilidade do convívio homossexual. A respeito, Sarah rememora o seu período de adolescência:

Eu ouvia os meus amigos dizendo que eles iam em “zonas”, prostíbulos, casas de tolerância, que é um local [riso] que aceitavam os homossexuais. Eles se encontravam pra poder sair, pra não ser uma pizzaria, para que eles pudessem ficar lado-a-lado, abraçados, que pudessem dar um beijo. (Sarah, professora aposentada, 46 anos)

Assim, a ideia de *gueto* homossexual está relacionada à liberdade de fruição dos desejos de demonstrações de afeto sem se preocupar com a reação do *outro*; porém, restringe e limita a conquista de outros espaços, onde não há a emergência da diferença. A formação de um *gueto* ou a ocupação de espaços marginais é, então, a condição criada dentro das possibilidades que a sociedade oferece: “A afirmação pública da identidade homossexual e da existência de comunidade homossexual.” (POLLAK, 1987).

Em Blumenau, diversos locais tornaram-se *espaços homossexuais*, alguns constituídos com essa finalidade, como as boates/danceterias: Victor ou Victória (anos 80/90, do séc. XX), a Galesi Mix (anos 1990/2000), a Imperium (primeira década de 2000) e a Fly (década de 2010), mas também bares foram citados como locais de encontro e paquera: Bar Kriado, KGB & CIA, Farol, entre outros. Porém, os homossexuais não querem se restringir a esses espaços, mas conviver com a diferença, pois

a gente quer estar onde as outras pessoas estão, a gente quer dançar onde as outras pessoas dançam, e comer onde todo mundo come, sabe. (Luíza, pedagoga, 41 anos)

Porém, nesses locais, os gestos são comedidos, ou mesmo quando a homossexualidade não é assumida, mas percebida em gestos, vestimentas, o preconceito pode ser externalizado por atendentes em espaços considerados heterossexuais, como afirma Clara:

Tem um restaurante aqui em Blumenau que nós vamos, mas eles demoram infinitamente pra nos atender. Você pede algo, a coisa vem, mas você tem que pedir de novo. Outro dia nós fomos nesse mesmo restaurante com outras pessoas [heterossexuais], e o atendimento foi formidável. E a gente até conversou sobre isso, eu ainda falei: *Olha como melhorou o atendimento!* Daí ela [Luíza] disse: *Não, não melhorou, a gente não está sozinha hoje.* (Clara, diretora escolar, 40 anos)

Mesmo em bares, citados como espaços de convívio homossexual, há relatos de mulheres que foram repreendidas por estarem abraçadas às suas namoradas, ou seja, em locais *apropriados* pelo coletivo homossexual, mas não pensados assim por seus proprietários e atendentes; a *tolerância* à diferença oscila, conforme atitudes ou mesmo a classe social das mulheres. Nota-se que há uma relação entre espaços, preconceitos e poder aquisitivo:

Quanto mais dinheiro você tiver, menos preconceito de você terá. A gente chega numa loja de mão dada, a gente põe o cartão de crédito em cima da mesa, eles estendem o tapete vermelho. (Andressa, cronoanalista, 34 anos)

As segmentações de mercado para homossexuais podem dar visibilidade social e fortalecer o coletivo homossexual, ao mesmo tempo que segregam nos próprios espaços homossexuais uma diferença de locais determinados pela atribuição financeira. (POLLAK, 1987).

Cada espaço é pensado em limites e risco, ou seja, em certos lugares há dissimulação, estratégias, economia dos prazeres:

O pessoal geralmente se reunia numa sexta-feira, fazia uma *carninha*, tomava uma cerveja. Sábado era praia, praia, praia. Eu tive casa de praia durante quinze anos. Então, era a balada. Saía nove horas do serviço e... praia! Voltava na segunda, direto pra trabalhar no primeiro turno, ou voltava domingo à noite, bem tardão, mas pra quê? Pra fugir de Blumenau, fazer festa fora daqui. (Rafaela, autônoma, 42 anos)

A possibilidade de estar onde as outras pessoas estão está relacionada com a aceitação de si, da família, dos amigos e da sociedade (cidade).

Chegou uma hora que eu não queria mais respeitar. Porque eu não vejo isso como errado, pra mim é natural, não... [riso], não tem nenhuma anomalia, de forma nenhuma. Eu só queria que as pessoas vissem como igual a todo mundo, que era o jeito que eu via, e eu queria só agir normal, sabe. Não precisar me esconder, não precisar nada... Então, os meus pais chegaram num nível de aceitação. E, hoje, eles são incríveis, não tenho nem palavras... Eu não via mais necessidade de ter que me esconder. Claro, nunca fui

ostensiva em relação a nada. Nunca quis levantar bandeira, de nada, muito menos disso. Mas eu queria sair com a pessoa que eu gostava pra comer um lanche, eu ia e eu me sentia bem, eu não estava nem aí se estavam olhando ou não, ou então eu ia pra uma balada hetero ou GLS e queria dançar com a menina que eu estava, e dançava, não estava nem aí [sorri]. (Samara, redatora publicitária, 21 anos)

A amizade é um dos laços afetivos mais fortes que se constroem entre homossexuais. Sejam elas fruto da não compreensão familiar ou por uma afinidade adquirida por partilharem angústias similares. Em geral, são as primeiras pessoas a saberem sobre a homossexualidade, compartilham essa apropriação de espaços. Então,

Quando surgiram as boates, surgiram os bares, é que nós começamos a ter mais contato, saber quem é quem. (Sarah, professora aposentada, 46 anos)

Estenderam o círculo de amizades. Sobre isso, outra entrevistada destaca:

Pra mim, teve um aumento no grupo de amigos, conheci outras pessoas, conheci vocês, conheci a Clara e a Luiza [pseudônimos]. Outras pessoas, com quem temos afinidades. Teve algumas amigas que eu perdi um pouco o contato e, mesmo assim, eram amigas da faculdade, mas que nos encontrávamos freqüentemente. E acho que eu parei um pouco de me encontrar com elas, até por não saber qual seria a reação. Eu apresentei a Cláudia pra uma delas. Assim, elas nunca, nunca me falaram nada, mas acho que os companheiros delas não gostam muito. Então, eu não me sinto à vontade, a gente nunca conversou sobre isso, mas eu não me sinto à vontade. (Priscila, psicóloga, 29 anos)

A família e a sociedade, por vezes, agem de maneira a “não querer saber, de fazer como se não houvesse nada a saber” (ERIBON, 2008, p. 73) sobre a afirmação homossexual; assim, as amizades são fundamentais na positivação de seus modos de vida, na articulação do coletivo homossexual, de participar das histórias de vida das outras pessoas como relata outra depoente:

Só essa questão de tu reunires pessoas, fazer um churrasco, rolar um violão, sempre vai acabar rolando esse assunto das tuas experiências de vida. Sempre vai ter assunto pra isso de cada um trazer seu relato de vida, com relação a trabalho, relacionamento, é... Nunca vai se tornar ultrapassado, então essa é uma das coisas que eu sempre gostei de fazer. Estar conversando com as pessoas, porque a partir do momento que a gente coloca isso pra fora, a gente está, eu acho que tu estás te ajudando e está ampliando o nosso espaço e, permitindo a nossa manifestação. Porque nós somos minoria, apesar de tudo que está mais prático pra nós: internet, locais; mas ainda sofremos muito preconceito com relação à sociedade, muito mesmo. (Virgínia, assistente social, 34 anos)

Na contemporaneidade, o homossexual não é um ser isolado, o convívio é possibilitado pela internet, por boates e bares e possibilidades de convívio são criadas no círculo de amizade, que constantemente é ampliado ao agregar novas pessoas, um gesto que pode ser pensado como solidário, diante da possível solidão de quem se “descobre” homossexual. Cria-se o coletivo homossexual, porém é importante frisar que esse “existe independentemente da consciência que dele podem ter os indivíduos e independentemente da vontade deles. É esse pertencimento aceito e assumido que permite ao indivíduo constituir-se como ‘sujeito’ de sua própria história”. (ERIBON, 2008, p. 78). Portanto, é no coletivo homossexual que é possível construir condições de possibilidades de superar o preconceito vivido na sociedade e compreender que a estigmatização de sua diferença como inferioridade é uma construção social e moralista, fruto dos binarismos constituídos.

Considerações finais

Através da pesquisa, percebeu-se o *medo* como dispositivo de silenciamento e invisibilidade dessas mulheres ao longo de sua vida. Produz-se medo para desejar segurança, proliferar a violência, como máquina de *fobias*, insultos, vergonha e inferiorização. Nota-se que, recentemente, há um movimento de tornar as homossexualidades visíveis na mídia de massa, inclusive os homicídios. Durante a entrevista, Natália e Aline (estudante/bolsista, 17 anos) discutiram sobre mortes de homossexuais que foram vistas na mídia e complementaram:

antigamente podia até acontecer, mas eles não divulgavam tanto. Agora estão divulgando, o pessoal está ficando mais assim: *Será que não vão me bater por causa disso depois, também?* (Natália, auxiliar de escritório/estudante de Direito, 17 anos)

Essa fala ilustra a proliferação do medo que pode se desdobrar em violência. Paradoxalmente, a visibilidade experimentada nos últimos anos não significa, de fato, uma emancipação. A produção do medo está embutida nas constituições de si, no modo como essas mulheres se posicionaram no decorrer de sua vida, como também ao narrarem suas memórias em relação aos acontecimentos recentes, ou seja, os diversos assassinatos e as violências motivadas pela homofobia; a partir das narrativas dessas mulheres, nota-se uma preocupação constante pelo preconceito externalizado em forma de violência.

Na contemporaneidade, toma-se um rumo diferente de se produzir o *medo*, porque não cessa de criá-lo, no entanto, permite mais aberturas por proporcionar mais processos de subjetivação (GUATTARI, 1992), e as relações de amizade são um exemplo disso. Também nos meios de comunicação, filmes, internet, festivais LGBT, permite-se criar formas positivas de pensar a homossexualidade. Porém, também ocorre, através dos meios de comunicação de massa, a proliferação de assuntos relevantes às políticas de um Estado que, para se manter como tal, necessita da marginalidade e segrega: “O marginalizado, e não o excluído, é que é a possibilidade cultural causadora de medo ou, no mínimo, da perda de sanções. Não ter o reconhecimento social como heterossexual efetivo é perder uma identidade social possível em troca de uma que é radicalmente menos sancionada.” (BUTLER, 2003, p. 116-117).

A produção do medo se faz nessa segregação, que dita padronizações. Não seguir tais preceitos torna as pessoas vulneráveis:

Eu percebo mais curiosidade do que preconceito. Como eu não sou muito valente e corajosa em relação a isso, acho lindo quando os casais têm coragem de se beijar, em locais diversos. Porque eu faço isso muito tranquilamente nos locais que eu sei que são ambientes abertos para gays; agora, em locais para públicos héteros, eu não faço. Então, eu me sinto muito medrosa, tenho medo de me expor sim, não sei necessariamente do que. Não sei se vou levar uma pedrada, se vão me convidar a me retirar, acho que não, não aconteceria isso, mas o medo do julgamento é muito presente, tenho medo de ser julgada, sim. (Laura, pedagoga, 34 anos).

Mais do que fazer parte de Laura, de sua experiência cotidiana, essa fala também provém de pensar o que se apresenta nos noticiários, nas representações, nas composições afirmativas do coletivo homossexual, que é, por assim dizer, sua memória, reverberando em possíveis organizações:

Percebi que existe um movimento não declarado aqui em Blumenau, mas eu também não estou tão a par disso. Eu vejo que existe um reflexo social nos últimos anos. Eu acredito que seja reflexo desses movimentos, sejam os declarados ou não, então, começaram a aparecer mais figuras na mídia, as pessoas tiveram mais facilidade de se declarar, de sair do armário, como se fala. (Cláudia, musicista/professora de música, 29 anos)

É nessa ótica que se pode observar a linha tênue entre visibilidade, igualdade de direitos e produção do medo, diferença e hierarquias. Na cidadania incompleta, não basta apenas especificar crimes, mas esclarecer e discutir:

porque o povo é preconceituoso, então pra mudar essa vivência, toda essa experiência que o levou a ser preconceituoso, demora, não é de uma hora pra outra. (Sarah, professora aposentada, 46 anos)

É importante refletir que as relações de amizade amenizam a vivência em sociedade e também são capazes de unir as pessoas em torno de um pensamento de igualdade de direitos. Portanto, a sociabilidade homossexual funda-se numa prática e política da amizade: é preciso procurar estabelecer contatos, encontrar pessoas que vão se tornar amigos e, aos poucos, constituir um círculo de relações escolhidas. (ERIBON, 2008). Os amigos constituem o centro da vivência homossexual, como forma de superar uma possível solidão, marginalização ou o distanciamento da família. É na política da amizade que o homossexual se reinventa e se apropria ou inventa espaços de convívio e lazer, em que pode atuar na desconstrução de binarismos e ter um posicionamento plural sobre os dispositivos de subjetivação e do poder jurídico; é na positivação da vivência homossexual que se produzem condições de possibilidades de vivências plenas, eliminando os medos sem reproduzir outros.

Notas

¹ Este artigo é resultado parcial da pesquisa “Outras vozes: análise das relações homoafetivas femininas em Blumenau”, financiada pelo Edital Nacional de Seleção Pública de Propostas para Pesquisas em Temáticas de Relações de Gênero, Mulheres e Feminismos (Edital MCT/CNPq/SPM-PR/MDA n. 020/2010) e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Pibic, da Universidade Regional de Blumenau.

² Coletivo Clio no Cio, Grupo de Pesquisa Saberes de Si.

³ Peças teatrais, como “A Parte doente” e “Volúpia” (Cia. Carona de Teatro), “Figo” (Grupo K de Teatro) e a exposição fotográfica “Escritos da Carne”.

⁴ Grupos de Movimentos Sociais como: “Fazendo a diferença”, “Liberdade” e o CDDH/Blumenau – Centro de Defesa dos Direitos Humanos.

Referências

- ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia Regina Capelari (Org.). *Memória e (re)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004. p. 15-34.
- ARENDDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. Rio de Janeiro: Documentário, 1973.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994. v. 1.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: M. Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. Prefácio (Anti-Édipo). In: _____. *Repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. v. VI. (Coleção Ditos Escritos).
- GAGNEBIN, J. M. Não contar mais? In: _____. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp; Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose*: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- KATZ, Jonathan. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- KRAEMER, Celso. *Tempo e duração*: memória e história. Blumenau, 2009. Palestra.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MOTT, Luiz. Homo-afetividade e direitos humanos. *Revista Estudos Feministas*, v. 7, p. 509-521, 2006.
- NAVARRO-SWAIN, T. Identidade, para que te quero? In: GONÇALVES, Ana Teresa Marques et al. (Org.). *Escritas da história*. Goiânia: Editora da UCG, 2004a. p. 35-52.
- NAVARRO-SWAIN, T. O que a história não diz, nunca existiu? As amazonas brasileiras. *Caminhos da História*, Unimontes, v. 9, p. 29-48, 2004b.
- NAVARRO-SWAIN, T. Para além do sexo, por uma estética da liberação. In: VEIGANETO, Alfredo (Org.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 393-405.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- POLLAK, Michael. La homosexualidad masculina o: ¿La felicidad en el ghetto?. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André; FOUCAULT, Michel y otros *Sexualidades occidentales*. Buenos Aires: Paidós, 1987.
- REVEL, Judith. *Foucault*: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 53.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Ed. da UFRGS: Sulina, 2006.
- SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, A.; LAGO, M.; RAMOS, T. Falas de gênero: teorias, análises, leituras. Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 21-55.
- SEIXAS, Jacy. Percursos de memórias em

terras de história: problemáticas atuais, p. 37-58; In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e res(sentimento)*. São Paulo: Ed. da Unicamp, 2001. p. 37-58.

VAZ, Paulo Roberto Gibaldi. *Um pensamento infame: história e liberdade em Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ZIRBEL, Ilze. *Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: um debate*. 2007. Dissertação (Mestrado) – UFSC, Florianópolis, 2007.

Entrevistas:

Luiza (educadora social, 41 anos) e Clara (diretora escolar, 40 anos) (pseudônimos/sigilo). Entrevista em História Oral para a pesquisa: *Outras Vozes*, concedida à Carla Fernanda da Silva, Sally Rejane Satler e Fabiele Lessa; Blumenau – 11 de dezembro de 2010.

Laura (pedagoga, 34 anos) (pseudônimo/sigilo). Entrevista em História Oral para a pesquisa: *Outras Vozes*, concedida à Carla Fernanda da Silva, Sally Rejane Satler e Fabiele Lessa – Blumenau, 2 de janeiro de 2011.

Cláudia (musicista/professora de música, 29 anos) e Priscila (psicóloga, 29 anos) (pseudônimos/sigilo). Entrevista em História Oral para a pesquisa: *Outras Vozes*, concedida à Carla Fernanda da Silva, Sally Rejane Satler e Fabiele Lessa – Blumenau, 6 de fevereiro de 2011.

Patrícia (auxiliar de escritório, 26 anos) e Josiane (operadora de telemarketing, 19 anos) (pseudônimos/sigilo). Entrevista em História Oral para a pesquisa: *Outras Vozes*, concedida à Fabiele Lessa – Blumenau, 27 de fevereiro de 2011.

Caroline (auxiliar de produção, 20 anos) (pseudônimo/sigilo). Entrevista em História Oral para a pesquisa: *Outras Vozes*, concedida à Fabiele Lessa – Blumenau, 8 de março de 2011.

Samara (redatora publicidade, 21 anos) (pseudônimo/sigilo). Entrevista em história oral para a pesquisa: *Outras Vozes*, concedida à Fabiele Lessa – Blumenau, 12 de março de 2011.

Natália (auxiliar de escritório, 17 anos) e Aline (Estudante/Bolsista, 17 anos) (pseudônimos/sigilo). Entrevista em história oral para a pesquisa: *Outras Vozes*, concedida à Fabiele Lessa – Blumenau, 26 de março de 2011.

Andressa (assistente social, 34 anos) e Mariana (Enfermeira, 33 anos) (pseudônimos/sigilo). Entrevista em história oral para a pesquisa: *Outras Vozes*, concedida à Fabiele Lessa – Blumenau, 2 de abril de 2011.

Vanessa (empresária, 25 anos) e Paloma (empresária, 24 anos) (pseudônimos/sigilo). Entrevista em história oral para a pesquisa: *Outras Vozes*, concedida à Fabiele Lessa – Blumenau, 7 de abril de 2011.

Virgínia (assistente social, 34 anos) (pseudônimo/sigilo). Entrevista em história oral para a pesquisa: *Outras Vozes*, concedida à Fabiele Lessa – Blumenau, 13 de abril de 2011.

Rafaela (autônoma, 42 anos) (pseudônimo/sigilo). Entrevista em história oral para a pesquisa: *Outras Vozes*, concedida à Fabiele Lessa – Blumenau, 16 de abril de 2011.

Sarah (professora aposentada, 46 anos) (pseudônimo/sigilo). Entrevista em história oral para a pesquisa: *Outras Vozes*, concedida à Fabiele Lessa – Blumenau, 19 de maio de 2011.